

GESTÃO NA EJA: PERCEPÇÃO E AÇÃO

Ursula Carla Barbosa – UFPE

Ana Cristina S. B. de Oliveira – UFPE

Este trabalho problematiza a relação entre a Gestão Educacional e a Educação de Jovens Adultos (EJA). Tendo como objetivo investigar as implicações da percepção e ação da Gestão Escolar no desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos, mapeando nesse percurso as mudanças ocorridas na organização escolar. Neste intento, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 6 gestoras de escolas da Rede Municipal de Recife. Após analisadas qualitativamente, seus dados geraram 5 categorias que sistematizam os significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados aos alunos da modalidade em questão. Os resultados obtidos nos permitem concluir que os alunos buscam na EJA a possibilidade de inserção no mercado de trabalho e socialização; apontaram também o possível enfraquecimento dessa modalidade de ensino em função da diversidade de projetos destinados a esse público que está contribuindo para sua evasão, minimizada pelas ações da Gestão, cujo olhar sobre o aluno da EJA se mostrou positivo no sentido de que elas acreditam na possibilidade de mudança na vida desse aluno através dessa modalidade de ensino.

Palavras Chave: Educação de Jovens e Adultos; Administração Escolar; Gestão Escolar.

Constatamos que na contemporaneidade, apesar dos esforços empreendidos por muitos estudiosos e pesquisadores das questões educacionais, a qualidade dos serviços públicos educacionais não está alcançando as expectativas da sociedade, em especial das camadas menos favorecidas, tendo como consequência a exclusão direta ou indireta do processo de ensino. A desestruturação familiar, a precária formação e insatisfação profissional dos educadores, a burocratização do sistema de ensino e a falha na viabilização de formas participativas de planejamentos pedagógicos, administrativos e financeiros, são fatores que têm tornado a escola um ambiente não atrativo.

A comprovação dessa realidade é a constância dos altos índices de repetência e evasão das escolas públicas, que produz novos analfabetos e o regresso de muitos

desses alunos a escola após adultos, com a esperança de conclusão imediata forçados na maioria das vezes pelas exigências do mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Ferrari (1985) chama a atenção para o que denomina como processo de produção de analfabetismo quando afirma:

O analfabetismo não é uma simples herança que recebemos das gerações passadas. Ao contrário ele também continua sendo produzido nos dias atuais. E essa produção de novos analfabetos se faz através da exclusão praticada pelo aparelho escolar. São vítimas dessa exclusão: Os excluídos do processo (os que nem sequer chegam a ser admitidos no processo de alfabetização na idade de escolarização obrigatória), e os excluídos no processo (aqueles que, tendo sido admitidos, são posteriormente excluídos através da reprovação e repetência). (p.48).

A escola precisa interagir com o seu meio, ou seja, com toda comunidade escolar, num processo de renovação constante de objetivos, métodos, contribuindo para que o indivíduo compreenda a sua realidade de forma crítica e reflexiva criando possibilidades de construir essa realidade social, política, econômica e moral, tornando-se parte dessa sociedade. Entendemos que é nessa direção que a gestão escolar deve ser compreendida.

Referente ao conceito de gestão, Galego (2001) define:

O conceito já clássico de gestão define-a como um conjunto de operações – planejar, organizar, dirigir, coordenar, supervisionar, avaliar e controlar – que respeitam a vida das organizações. Por vezes o conceito de gestão aparece confundido com o de administração o qual deve ser entendido como mais geral e referido a sistemas mais vastos. Diz-se, por exemplo, gestão do estabelecimento de ensino, e refere-se a administração do sistema educativo a nível regional ou nacional. (p.50).

Outra definição da autoria de Lück (2000), para quem o termo gestão que substitui o termo administração não significa mera mudança terminológica, mas uma alteração conceitual até mesmo paradigmática é descrita da seguinte forma:

Esse paradigma é marcado, sobretudo, por uma mudança de consciência a respeito da realidade e da relação das pessoas na mesma – se assim não fosse, seria apenas uma mudança de modelos. Essa mudança de consciência está associada a substituição do enfoque de administração pelo de gestão. Cabe ressaltar que não se trata de uma simples mudança terminológica e sim uma fundamental alteração de atitude e orientação conceitual. (p.15).

Isso significa que essa prática promove transformações de relações de poder, de práticas e da organização escolar em si. Além das competências específicas para o trabalho de gestão escolar como planejar e coordenar reuniões, promover a integração da escola com a comunidade, mobilizar os sujeitos na realização de projetos, administrar os recursos da escola, desenvolver trabalho em equipe, resolver conflitos, gerenciar tensões, articular diferentes interesses, monitorar resultados, dentre outras, existem as competências específicas para o trabalho na EJA.

No campo da EJA, tais competências dizem respeito ao desenvolvimento de uma prática educativa vinculada a um projeto de sociedade comprometido com o estranhamento das desigualdades sociais e da exclusão. Essa prática, então, tem vistas a transformação dessa sociedade excludente, bem como ao reconhecimento da diversidade dos sujeitos, da multiplicidade de suas práticas e de suas variadas formas de inserção no mundo social, como ainda de suas trajetórias, necessidades e projetos. (Xavier, 2008, p.14).

É indispensável ressaltar que apesar da gestão escolar requerer atribuições administrativas e buscar através dos seus serviços uma qualidade social, o produto final no processo educativo o aluno, é inacabável, diversificado, singular, com características próprias e intransferíveis, por isso não pode ser qualificado e produzido em série.

Diante disso, entendemos que as dificuldades enfrentadas pela Gestão Escolar são grandes e significativas, pois necessita desenvolver um trabalho levando sempre em conta a diversidade dos alunos, das famílias e dos próprios profissionais de educação, além das políticas públicas e educacionais. Essa realidade exige do gestor conhecimentos atualizados, construção de relações afetivas com a comunidade escolar, conhecimento de políticas educacionais e ainda a disposição de enxergar sempre a possibilidade de melhorar o desempenho pessoal, social e a qualidade de vida de cada cidadão.

A sociedade atual concebe a escola como um espaço exclusivo para viabilizar os conhecimentos necessários a serem transmitidos as novas gerações e onde é possível maior socialização entre os indivíduos. No entanto, Gadotti (2000) afirma que “não há tempo e espaços próprios para a aprendizagem. Como ele está todo o tempo em todo lugar, o espaço de aprendizagem é aqui – em qualquer lugar – e o tempo de aprender é hoje e sempre” (p.21). Esse espaço amplia-se, ao se reconhecer processos educativos em diversos espaços. Para esse mesmo autor,

As novas tecnologias criaram *novos espaços do conhecimento*. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, pois podem, de casa, acessar o *ciberespaço da formação* e da *aprendizagem a distância*, buscar "fora" – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento. (Gadotti, 2000, p.10).

No que se refere a Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa exigência torna-se maior frente a variedade dos processos sociais que estão envolvidos nessa modalidade da educação; alfabetização, educação básica, desenvolvimento da comunidade, capacitação para o trabalho, devendo ainda essa educação oferecer ao educando a capacidade de conscientizar-se de sua condição de sujeito social, para isso os saberes construídos na cotidianidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos devem ser valorizados e utilizados criando a possibilidade de uma relação dialógica, indispensável ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA.

A finalidade da escola enquanto instituição educacional é a formação pessoal e profissional do indivíduo. Segundo Freire (1996), “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, é sim, criar possibilidades para a “criação” de indivíduos reflexivos críticos e autônomos.”(p.28).

Não teria sentido nesse contexto, referir-se a Gestão Educacional sem trazer a problemática atual do público, que busca na Educação de Jovens e Adultos o acesso a escolaridade que não obteve em idade própria, mas que apesar disso, apresenta dificuldades de sentir-se incluído no próprio processo educativo. Portanto, esse trabalho busca compreender o que os gestores pensam sobre os alunos dessa modalidade de ensino e em que medida suas ações têm contribuído para que o seu processo de ensino aprendizagem se concretize de forma transformadora e identificar as concepções atribuídas pelos gestores aos alunos da EJA.

Administração Escolar e Gestão Escolar: Aproximações e Distanciamentos

A literatura sobre a administração escolar é bastante controversa no que se refere a fundamentos teóricos e a prática dessa atividade. Segundo Russo, (2004) encontramos de um lado os teóricos que defendem a adaptação dos princípios, métodos e técnicas da administração empresarial para o cotidiano escolar (Alonso, 1976;

Carneiro Leão, 1939; Lourenço Filho 1963; Ribeiro 1982), do outro, os que criticam a aplicação sem limites dos métodos da administração empresarial na escola sem a devida consideração da finalidade última desta, que é a educação (Félix 1984; Paro, 1986, 1991; Russo, 1995).

Na perspectiva crítica de Paro (1999), as características específicas da escola precisam ser consideradas, por isso, ainda que defendam em alguns aspectos a aplicação da administração de empresas na escola, alguns teóricos da Administração Escolar não vêem identidade absoluta entre empresa e escola sendo assim, também a combatem. Este autor conclui que,

A busca de uma especificidade para a Administração Escolar coincide com a busca de uma nova Administração Escolar, que se fundamente em objetivos educacionais representativos dos interesses das amplas camadas dominadas da população e que leve em conta a especificidade do processo pedagógico escolar, processo este determinado por esses mesmos objetivos. (Paro, 1999, p.152).

Partindo-se do pressuposto de que a Administração Escolar enquanto disciplina e enquanto prática administrativa tem como referencial as teorias da Administração de Empresa, utilizando-se na análise das questões da composição e funcionamento do sistema escolar e na proposição de modelos de organização e administração, constata-se a existência de uma relação entre a Administração Escolar e a Administração de Empresa.

A existência dessa relação é vista pelos teóricos da Administração de Empresa como uma decorrência do desenvolvimento de estudos e pesquisas por eles empreendidos, cujos resultados são avaliados pelo êxito das empresas na sociedade capitalista, o que autoriza sua aplicação na administração das demais organizações. (Félix, 1989, p.71).

Inserido em sociedades complexas, em processo constante de avanço, o homem vai desenvolvendo cada vez mais conhecimentos, técnicas e procedimentos administrativos que norteiam seu trabalho. A partir daí tem condições de se transpor de uma prática administrativa comum ou mesmo neutra para uma prática mais consciente e intencional. Essa transposição corresponde a passagem de um nível de administração espontânea para o de uma administração reflexiva, o que no caso da Administração Escolar possibilita o surgimento de uma nova teoria.

A partir da observação dos conceitos de Administração Geral que influenciaram a escola ao longo das últimas décadas, se constata que ocorre uma assimilação de um referencial teórico, que apesar de estar atualizado com contribuições recentes da Sociologia, da Psicologia e da Administração de Empresa, não é suficiente para que se proceda uma análise concreta do sistema escolar. Nessa direção, Félix (1989) destaca:

Por um lado esse tipo de análise é considerado um avanço, por aqueles que pretendem elaborar uma “teoria” da Administração Escolar; por outro lado, essa abordagem reforça a função ideológica da Administração Escolar, qual seja a de revestir a ação administrativa de um potencial de eficiência capaz de, a partir da integração dos subsistemas do sistema escolar, alcançar adequação entre meios e fins, realizando plenamente os objetivos educacionais. (p.85).

Diante disso, percebemos que essas normas técnico-administrativas propostas a partir dos conceitos de Administração Geral apesar de trazer uma considerável contribuição, se mostram insuficientes por não levarem em conta as especificidades da escola, não podendo ser adotadas e implementadas sem que sejam consideradas as determinações econômico-sociais. Não se pode pensar em Administração Escolar desconsiderando a realização humana implícita no ato educativo, desse modo essa ação deve estar impregnada de seus fins pedagógicos.

Entendemos que foi nessa perspectiva que a maioria dos trabalhadores da área de educação teve sua formação, baseado no aprendizado de técnicas, princípios e normas para melhor aproveitar os recursos da administração, que em geral foram copiados sem nenhuma criticidade do modelo empresarial.

Nessa ótica, percebe-se que quando a Administração Escolar está focada exclusivamente em normas e técnicas transplantadas da Administração de Empresa, tem como consequência uma desarticulação da teoria e prática administrativa do objeto que se escolhe administrar, isso torna a escola um lugar de exclusão, porque estando distante do processo pedagógico é bastante complicado alcançar seu principal objetivo – garantir a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos pelo homem, para que assim instrumentalizado o educando possa atuar com criticidade no ambiente em que está inserido.

Considerando que as escolas são organizações sociais, constituídas de pessoas que trabalham juntas e interagem entre si para alcançar os mesmos objetivos (dentre eles a promoção da formação humana), compreendemos que esse sistema de relações

humanas e sociais que as caracterizam é também as que as diferenciam das empresas convencionais.

Apesar de as funções de planejamento, organização, direção e controle serem efetivados na escola, tanto nos aspectos pedagógicos quanto no técnico-administrativos, elas estão sempre carregadas do caráter educativo e formativo que são próprios das instituições educacionais.

Se considerarmos que o centro da organização e do processo administrativo é a tomada de decisão, todas as funções citadas anteriormente estão inseridas em um processo intencional e metódico de tomada de decisões. Para Libâneo (2005) esses processos de chegar a uma decisão e de fazer a decisão funcionar caracteriza a ação designada como gestão.

Observamos o surgimento de uma nova sociedade marcada pela técnica, pela informação e pelo conhecimento, que foi bastante favorecido pela revolução tecnológica, onde as vinculações educação-conhecimento e desenvolvimento-desempenho econômico tornaram-se mais intensas. Nesse sentido, para alcançar os objetivos da instituição escolar; novas teorias passaram a ser incorporadas no âmbito do sistema educacional, surgiram assim diversas concepções de gestão: centralizada, colegiada, co-gestão e participativa. Nessa direção, a organização e a ação de gestão assumem diferentes modalidades, de acordo com o entendimento que se tenha das finalidades sociais e políticas da educação em relação à sociedade e à formação dos alunos (Libâneo, 2005).

No processo de conscientização pela qual passou a sociedade brasileira referente a necessidade de se instituir uma cultura democrática e participacionista (década de 90), a educação não ficou excluída, aproveitando os compromissos assumidos pelo Brasil na Conferência Mundial de Educação Para Todos (1990)¹ garantiu a introdução de mecanismos que favorecessem a eliminação da burocracia por meio da democratização, que na escola está associada a participação de toda comunidade escolar.

Do ponto de vista pedagógico, isso se traduz em uma forma de aprendizagem singular. A aprendizagem do “envolvimento cívico” (Gonh, 2003, p.18) capaz de intensificar os processos de participação dos atores sociais nos espaços de mediação

¹ Conferência realizada em março de 1990, em Jontiem, na Tailândia.

entre cidadãos e governo, e a escola pode ser colocada como uma materialização desse espaço.

O reconhecimento de que a educação, na sociedade globalizada e com economia centrada no conhecimento estabelece grande valor estratégico para o desenvolvimento de qualquer sociedade, assim como condição importante para a qualidade de vida das pessoas, colocou a escola no centro das atenções da sociedade, que nessa nova perspectiva não aceita como suficiente que a instituição de ensino prepare o aluno para níveis mais elevados de escolaridade, pois entende que o aprendizado do aluno deve facilitar sua compreensão da vida, de si mesmo e da sociedade, dando-lhe condições para a prática da cidadania.

Em meio a essa mudança marcada por forte tendência à adoção de concepções e práticas interativas, participativas e democráticas, observa-se que um grande desafio é apresentado aos gestores escolares que exige novas atenções, conhecimentos e habilidades.

Nesse contexto, assistimos o surgimento de uma nova experiência sem referenciais anteriores para o qual deveremos desenvolver compreensão, sensibilidade e habilidades especiais. “Isso porque tudo que dava certo antes está fadado ao fracasso na nova conjuntura”. (Drucker, 1992. Apud. Lück, 2000,p.13).

A rede de relações que se estabelece entre todos os elementos que atuam ou interferem direta ou indiretamente na escola caracterizam-na como um organismo vivo e dinâmico, pois faz parte de um contexto sócio-econômico e cultural repleto de controvérsias. Reconhecendo que necessita integrar-se a essa nova representação que tem a escola, a direção escolar busca um novo enfoque de organização, abrangendo essa dinâmica de interações onde o direcionamento da ação de gestão realizada na organização de ensino passa a ser o trabalho como prática social.

Esse paradigma é marcado, sobretudo, por uma mudança de consciência a respeito da realidade e da relação das pessoas na mesma – se assim não fosse, seria apenas uma mudança de modelos. Essa mudança de consciência está associada à substituição do enfoque de administração pelo de gestão [...] não se trata de simples mudança terminológica e sim de uma fundamental alteração de atitude e orientação conceitual, portanto sua prática é promotora de transformações de relações de poder e da organização escolar em si, e não de inovações, como costumava acontecer com a administração científica. (Lück, 2000, p.15).

Esse novo paradigma é fundamentado em alguns pressupostos entre eles: a realidade é global, onde tudo está ligado a tudo; é dinâmica construída socialmente pela forma como as pessoas pensam, agem e interagem; o ambiente social e o comportamento humano são imprevisíveis e por isso podem ser coordenados e orientados e não plenamente controlados; experiências realizadas com sucesso em outros contextos servem apenas como referência e não como modelo. (Libâneo, 2005).

A partir desses pressupostos surge o entendimento de que todos os atores que compõem a escola não apenas fazem parte desse espaço mas o constroem, o diretor da escola² deve se tornar um gestor da dinâmica social que mobiliza os atores na diversidade para a construção de um ambiente educacional e promoção segura na formação de seus alunos; as ações desse gestor devem estar focadas no conjunto todo da escola e em sua repercussão futura, isso implica ter uma visão da escola inserida em sua comunidade não apenas momentaneamente, mas a médio e a longo prazo.

Diante do exposto compreendemos que apesar das aproximações, o conceito de Gestão Escolar supera o de Administração Escolar, partindo do princípio que a mudança nos processos educacionais envolve também mudanças nas relações sociais vivenciadas na escola e, além disso, abrange uma série de conceitos não abordados por este último, como descentralização, democratização e autonomia da escola³; que nessa perspectiva tornam-se imprescindíveis.

Quem são e o que pensam essas gestoras

Ocorreram diversos encontros individuais com as gestoras em momentos previamente acertados de acordo com sua disponibilidade de tempo, foram entrevistadas 6 gestoras de escolas da Rede Municipal de Recife da RPA5 (Região Política Administrativa) A preferência por entrevistar gestores dessa RPA justifica-se pelo fato de conhecermos, previamente a realidade dos bairros onde estão as escolas (Curado, Jardim São Paulo, Sancho, Tejipió e Totó), uma vez que somos moradoras de um deles e tendo em vista essas escolas terem se constituído como nosso campo de estágio, onde surgiu o nosso interesse pelo estudo dessa temática. Essa informação prévia mostrou-se

² Apesar do amplo debate sobre o papel do gestor, podemos inferir que a LDB 9394/96 pouco inovou em relação ao cargo de diretor escolar e contemplou apenas a formação dos profissionais com o curso de pedagogia e a forma de escolha dos dirigentes. Em seu Art.67, determinou a exclusividade de ingresso no cargo por meio do concurso público de prova e títulos e o pré-requisito da experiência docente.

³ Ver Gohn (2001); Paro (2003) e Libâneo (2005).

como fundamental no decorrer da pesquisa, tendo em vista que a compreensão da realidade cotidiana dos atores nos permitiu uma interação mais efetiva com os sujeitos.

As gestoras entrevistadas têm idade superior a 40 anos; possuem formação superior, 3 possuem o título de especialização; 4 afirmaram ter recebido capacitações direcionadas a gestão educacional oferecidas pela rede em momentos distintos. Todas as entrevistadas ocupam a referida função a mais de 3 (três) anos.

A opção dos alunos pela EJA

Quando questionamos as gestoras a respeito do que o aluno busca ao ingressar na EJA, as respostas referem-se sempre a inserção no mercado de trabalho e maior socialização. Como apresentam as gestoras nas falas abaixo:

“O que eles buscam é espaço no mercado de trabalho”.

“Diversas razões, os de mais idade querem aprender a ler para conseguir ler a bíblia, os mais jovens querem ter uma chance no mercado de trabalho e recuperar o tempo perdido”.

“Como são mais idosos eles querem aumentar o grupo de amigos”.

“Eles tem interesses em novos conhecimentos e entrar no mercado de trabalho”.

Os dados acima retratam uma realidade da sociedade moderna que está em constante transformação e sobre a qual incidem diversos fatores como: o processo de globalização e o avanço tecnológico que exigem cada vez mais conhecimentos e habilidades que se tornam obsoletos diante da rapidez no surgimento de novas demandas. Referente a essa necessidade de acesso a novos conhecimentos, Melo (1995) esclarece:

Se hoje ninguém escapa dos impactos dos avanços tecnológicos, é preciso que a sociedade como um todo – e não apenas um grupo privilegiado que tem acesso aos bens e serviços que as novas tecnologias tornaram disponíveis – seja preparada para incorporar de modo adequado os instrumentos tecnológicos. Isso significa aprender a utilizá-los para melhorar a qualidade de vida. (p.41)

Enfraquecimento da EJA como consequência do surgimento de novos projetos

A posição quase unânime em relação a essa questão é de que existe um enfraquecimento dessa modalidade em função da inserção de novos projetos de

alfabetização direcionados ao mesmo público. Como pudemos verificar nos relatos a seguir:

“A EJA está enfraquecida pela quantidade de projetos que tem sido colocado na rede que tem mais atrativo e os alunos evadem”.

“A EJA está acabando, entrando em fase de extinção, estão saindo da EJA para o pró-jovem porque o tempo é menor, não precisa provar escolaridade e ainda tem bolsa”.

Na oportunidade das visitas para realização das entrevistas nas escolas, verificamos um reduzido número de alunos nas turmas de EJA em comparação ao número de alunos das turmas dos outros projetos, como por exemplo, das turmas de pró-jovem. Podemos inferir a partir dessas colocações que está sendo retomando o antigo perfil⁴ do aluno da EJA, como destacaram as gestoras abaixo:

“Só os idosos estão na EJA, os mais jovens saem para o pró-jovem”.

“As nossas turmas são pequenas e os alunos são bem idosos, vem para escola mais pela socialização”.

Os programas de educação escolar de jovens e adultos, que originalmente se estruturaram para democratizar oportunidades formativas a adultos trabalhadores, vêm perdendo sua identidade, na medida em que passam a cumprir funções de aceleração de estudos de jovens com defasagem série-idade e regularização do fluxo escolar.(Haddad,2000.p.127)

Pela pressa em concluir esse nível de ensino, esses educandos mais jovens quase sempre migram para outros projetos concluídos em tempo menor ou são obrigados a mais uma vez se retirar da escola para atender as necessidades materiais de suas famílias.

Evasão: um constante desafio

Durantes as entrevistas a evasão foi colocada por todas as gestoras como o maior problema que enfrentam nessa modalidade de ensino, apontam como a principal causa a necessidade que os alunos têm de trabalhar, tornando assim indispensável a dinamização e diversificação das atividades em sala tornando as aulas mais atrativas para os que persistem em ficar, como se pode observar nos relatos a seguir:

“A evasão é uma grande dificuldade, na maioria das vezes eles vão embora porque arranjam empregos e retornam no ano seguinte para tentar mais uma vez”.

⁴ Ver Haddad (2000).

“A maior dificuldade é a evasão, não por má vontade deles, mas por necessidade, isso ocorre em especial no fim do ano quando o comércio oferece empregos temporários, essa é a maior causa de evasão”.

“A evasão, que ocorre por conta do trabalho”.

“A evasão, mesmo quando arranjam empregos temporários ou vão para o comércio informal”.

“Eles têm vontade, mas a necessidade os obriga a trabalhar, aqui na escola os professores tem todas as condições de trabalho: capacitações, biblioteca, laboratório de informática, mas às vezes os alunos chegam muito cansados e não tem resistência física para assistir as aulas”.

Para alguns autores chamamos erroneamente de evasão o que na verdade é uma conseqüência da repetência “A evasão não se dá na idade correta em relação à série que o aluno deveria estar cursando e, sim entre aqueles que estão muito atrasados devido a repetência” (Ribeiro,1993,p.72). Sendo assim, é necessário que essa nova experiência ocorra de forma que o aluno agora adulto se identifique com espaço escolar em que está inserido.

A contribuição do gestor na EJA

Quando perguntamos se existe uma forma da gestão contribuir para melhorar a relação dos alunos da EJA com a escola, as respostas se referem a necessidade de proximidade e diálogo constante para conhecer a realidade desse aluno, e também estar próximo a equipe de professores.

“O gestor tem muitas atividades, mas eu busco incentivar para que eles se mantenham na escola, e não desistam. Eu chamo cada um pelo seu nome, aqui na escola procuro desenvolver junto com os professores um trabalho para melhorar a auto-estima.”

“Eu acredito que posso contribui com atenção, contato próximo, para estimular, conhecer e entender as dificuldades, exigir dos órgãos competentes política públicas que ofereçam melhores condições de trabalho para os professores e um ambiente mais agradável para os alunos”.

“É função do gestor o acompanhamento, empenho dos professores, incentivar os alunos, ir à comunidade conhecer a realidade dos alunos”.

“Fui professora da EJA durante muitos anos, procuro contribuir com minha experiência, dou muitas dicas”.

Na visão de Gadotti (2000,p.32), a proximidade com o educando, saber de onde ele vem, sua história, o que ele conhece, facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Ler sobre a educação de adultos não é suficiente. É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a alfabetização ou a aquisição de novos conhecimentos têm sentido.

O gestor por sua formação acadêmica e suas atividades na instituição escolar é também um educador, por isso deve caminhar junto com o educando; particularmente no que se refere ao aluno da Educação de Jovens e Adultos, pois essa modalidade de ensino apresenta especificidades que precisam ser trabalhadas de forma bem diversificada da educação regular. Ressaltamos ainda a importância de que nessa interação entre a gestão e o aluno da EJA, esse último compreenda o que está sendo ensinado e que assim saiba aplicar na sua vida o conteúdo aprendido na escola de forma que possa transformar sua realidade.

O olhar da gestão sobre os alunos da EJA

As entrevistadas demonstraram que suas expectativas em relação aos alunos da EJA são positivas, acreditam que eles podem progredir a partir dos conhecimentos que adquirem, referem-se ao aumento significativo da sua auto-estima, quando desenvolvem práticas cotidianas como escrever ou ler, passam a acreditar na possibilidade de transformar suas vidas.

“Acredito que eles alcançam méritos, que podem. Alguns descobrem que a idade não é obstáculo. Alguns querem apenas aprender ler e escrever, outros querem ir mais longe, até onde der”.

“Que eles consigam maior melhor conhecimento e consigam um emprego. Nosso trabalho aqui na escola é focado no incentivo”.

“As minhas expectativas são as melhores possíveis, pois, no que depende deles, eles avançam mesmo”.

“Desejo que eles terminem pelo menos o ensino médio”.

“Que eles se realizem, eu acredito que é possível que eles consigam avançar”.

“Que eles não desistam, acredito nessa modalidade porque tenho ex-alunos que se tornaram professores como eu. Com perseverança eles vencem”.

Considerando que “a educação de jovens e adultos está condicionada as possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador”. (Gadotti, 2000, p.32) A partir dos relatos acima, percebemos que há um forte anseio de contribuir não apenas para alcançar os objetivos da EJA⁵, mas que eles sejam ampliados, visto que as gestoras não somente desejam, mas acreditam que eles podem avançar ainda mais.

Conclusão

Os depoimentos colhidos junto as gestoras entrevistadas nos permitem inferir que os alunos buscam a EJA com o objetivo de (re)inserção no mercado de trabalho e socialização, em contrapartida percebe-se que apesar dessa procura, está ocorrendo um enfraquecimento dessa modalidade de ensino em função do excesso de projetos direcionados ao mesmo público.

Notadamente a evasão aparece como o grande desafio enfrentado pela gestão, que aponta como sua causa principal, o contexto sócio-econômico que os submete a subempregos, retirando-os da escola constituindo uma situação que está além das possibilidades de ação da gestão, que para superar essa dificuldade busca se envolver nas atividades cotidianas da EJA promovendo uma maior articulação entre a gestão e o grupo de professores dessas turmas.

Em termos gerais as entrevistadas apresentam semelhanças no que se refere a sua relação com os alunos da EJA, onde buscam conhecer suas realidades, criando a possibilidade de uma intervenção mais efetiva, mesmo considerando os limites de sua atuação frente as dificuldades que se apresentam cotidianamente, para assim poder contribuir na construção de um sujeito pensante, crítico-reflexivo e produtor do seu conhecimento. O que nos remete a expressiva ligação da história da EJA no Brasil com o educador Paulo Freire, que descortinou um novo paradigma na Educação de Jovens e Adultos, onde são vivenciadas situações em que interagindo educador e educando, todos se educam.

⁵ Art.37 A educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho mediante cursos e exames.

O possível retorno ao perfil original do aluno dessa modalidade que era constituído de pessoas de faixa etária mais elevada se apresenta como um dado a ser investigado mais a fundo, assim como o “aparecimento” do Pró-jovem como uma opção que desperta mais interesse do aluno que até então só poderia optar pela EJA, também merece destaque e maior aprofundamento. Assim, em que pese os limites desse estudo realizado acreditamos ter contribuído para uma maior compreensão da dinâmica relacional instituída na EJA a partir do olhar do gestor sobre o aluno dessa modalidade.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96.

FÉLIX, Maria de Fátima Costa. Administração Escolar: um problema educativo ou empresarial? 4ª ed. São Paulo. Cortez: Autores Associados. 1989

FREIRE, Paulo. Educação de adultos: algumas reflexões. In: Gadotti, Moacir; Romão, José (ORGS.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. 2. Ed. revista – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. – (guia da escola cidadã; v. 5).

_____. Educação como prática da liberdade, 22ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

FERRARI, Alceu R. Analfabetismo no Brasil: Tendência secular e avanços recentes. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: n.52, p. 35-49. 1985. Disponível em: <www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/642.pdf> Acesso em: 15/02/2010.

GADOTTI, Moacir; Romão, José (ORGS.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. 2. Ed. revista – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. – (guia da escola cidadã; v. 5)

_____. Perspectivas atuais da educação. São Paulo Perspectiva Vol. 14 nº 2. São Paulo Abril/Junho 2000. Disponível em: <www.scielo.org.br> Acesso em: 14/01/2001.

GALEGO, S. J. P. Gestão e participação numa escola secundária. 1993. In: Silva, Jerônimo J. Cavalcanti. Gestão Escolar participada e clima organizacional e participação numa escola secundária. Gestão em Ação, Salvador. V.4 n.2 p.49-59, jul/dez 2001. Disponível em: <www.scholar.google.pt> Acesso em 10/02/2010

GONH, Maria da Glória. Conselhos Gestores e Participação Sócio-política – São Paulo. Cortez, 2001.

HADDAD, Sergio. & Di Pierro, M. C. Escolarização de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação. Nº 14, p. 108-130.2000 Disponível em: <www.scholar.google.com.br> Acesso em: 14/11/2009

LIBÂNEO, José Carlos/ Oliveira, João Ferreira de e Toschi, Mirza Seabra. Educação Escolar; políticas, estrutura e organização. 2ª Ed. São Paulo. Cortez. 2005.

LUCK, Heloísa. de Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto a Formação seus Gestores. Em Aberto, Brasília. V7, n72, p. 11-33. fev/jun 2000. Disponível em: <www.scholar.google.com.br> Acesso em 21/11/2009

MELO, Guiomar Namó de. Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

PARO, Vitor Henrique. Administração escolar: teoria e crítica. 8.ed. São Paulo, Cortez, 1999.

RIBEIRO, Sergio Costa. A educação e inserção do Brasil na modernidade. Caderno de Pesquisa. Nº 84, P.63-82. São Paulo, fev. 1993. Disponível em: <www.fcc.org.br/pesquisa> Acesso em: 12/02/2010.

RUSSO, Miguel Henrique. Escola e Paradigmas da Gestão. EccoS Revista Científica. São Paulo: nº 01. vol. 6 p.25-42. junho/2004. Disponível em: <www.scholar.google.com.br> Acesso em: 07/03/2010.